

FINANÇAS

Reservas do país caminham para diversificação

Economistas veem espaço para gradual ousadia, com o Banco Central buscando aplicações mais rentáveis

Conrado Mazzoni
cmazzoni@brasileconomico.com.br

Uma pessoa com pouco dinheiro que recebe um salário que permite honrar as despesas, sobrando um valor residual na conta corrente. Paradoxalmente, um passado recente, assim era o Brasil e a gestão de suas reservas internacionais, dadas as preocupações constantes com dívida externa. Agora que os US\$ 20 bilhões se tornaram US\$ 240 bilhões, passa a ter importância a administração de reservas, ao lado da função de regulação do sistema financeiro e da política monetária. Ainda que o objetivo das reservas não seja ganhar dinheiro, uma gestão eficiente é importante, segundo avaliação de economistas.

“Estamos em um período de transição daquele modelo antigo para agora um departamento inteiro do Banco Central encarregado disso. O BC deveria ser menos conservador, mas é um processo lento”, afirma Eduardo Camara, que montou a chamada Ashmore Brasil, em 2007, subsidiária da gestora inglesa Ashmore, que tem cerca de US\$ 35 bilhões sob gestão focada em mercados emergentes.

Entre os clientes do grupo britânico há fundos soberanos e administradores de reservas de

Diversificar reservas internacionais por meio de moedas emergentes faz sentido com a tendência do dólar mais enfraquecido nos próximos anos

Bancos Centrais. A recomendação da Ashmore é “o dólar tem risco hoje e o rendimento está muito baixo. É preciso diversificar e focar em emergentes”.

Com um provável crescimento abaixo da média mundial, a tendência é o dólar perder valor ao longo do tempo.

O argumento principal das autoridades monetárias para justificar o atual conservadorismo é a liquidez. Ao final do ano passado, as reservas do Brasil totalizavam um volume de US\$ 239,05 bilhões, 15,6% maior do que em 2008. Houve um movimento de redução da exposição em ativos em dólar, mas priorizando liquidez, haja vista o foco em libra e dólar canadense.

Segundo fontes próximas ao Banco Central, a resistência em colocar dinheiro em moedas emergentes é o risco de, em algum momento, precisar vender dólares no mercado em caso de pressão no real.

Camara considera que o ideal seria manter uma fatia das reservas dedicada a algo mais conservador possível. “Mas uma outra parcela pode ser mais arrojada e investir em moedas de emergentes”. O economista-chefe da LCA, Bráulio Borges, também acredita que o BC deveria ser mais ousado, embora reitere que a gestão tem que ser conservadora, em vista do papel de colchão de liquidez. Em 2008, o Brasil chegou a usar US\$ 30 bilhões em linhas para exportadores.

Para ele, “o ideal seria aproximar o peso dos países com os quais o Brasil mantém comércio internacional, de olho na tendência dos acordos bilaterais, como o sistema local de moedas entre Brasil e Argentina”. Felipe Salto, economista da Tendências, vê os ativos das reservas como um efeito colateral do crescimento do país sustentado por investimento externo. “O custo de manutenção das reservas é alto porque nossa taxa básica de juro é elevada. A solução é o governo fomentar poupança doméstica. ■



BC chinês administra as maiores reservas do mundo, batendo em cerca de US\$ 2,45 trilhões

A FRASE



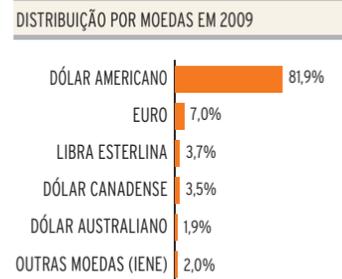
“Seria interessante diversificar se aproximando da pauta de comércio regional do Brasil com outros países”

Bráulio Borges,
economista-chefe da LCA

Murillo Constantino

DISTRIBUIÇÃO POR MOEDAS

Na condição de credor global, o Banco Central implementou em 2009 uma pequena diversificação do volume alocado em dólar americano, migrando para libra esterlina e dólar canadense



Fonte: Banco Central do Brasil

ALOCÇÃO DE ATIVOS

Houve um avanço na alocação em títulos governamentais. Com o objetivo de se proteger dos riscos de mercado, o BC optou por encurtar o prazo médio da carteira para 1,63 ano



Fonte: Banco Central do Brasil

Rafael Neddermeyer



“Prazo para Petrobras está mantido”

O ministro da Fazenda, **Guido Mantega**, afirmou na sexta-feira que o governo continua trabalhando com o prazo de 30 de setembro para a capitalização da Petrobras. “Nós estamos dentro dos prazos e, portanto, vamos procurar cumpri-los. Fica mantido aquilo que a Petrobras vem dizendo nas suas informações”, disse. Sobre os rumores que apontavam que o preço do barril de petróleo sugerido à ANP fosse o dobro do previsto, Mantega disse que não sabe de onde surgiram tais valores.

AGENDA DO DIA

- Às 8h, a FGV divulga a terceira prévia do IPCS de agosto.
- Às 8h30, o Banco Central divulga a pesquisa semanal Focus.
- Às 10h30, o BC divulga a nota do setor externo de julho.
- A Serasa divulga o indicador de atividade (PIB) de junho.

Nelson Ching/Bloomberg



■ **DÓLAR**
No 1º trimestre, fatia mantida por BCs no mundo era de

61,55%

■ **2009**
Reservas externas do Brasil subiram 15,6% e chegaram a

US\$ 239 bi

■ **RESERVAS**
BC: de 2002 a 2009 o retorno médio anual foi de

5,6%

China indica ambições geopolíticas

Diversificação das reservas do país sinaliza política da boa vizinhança com pares da Ásia

Dona das maiores reservas do mundo, cerca de US\$ 2,45 trilhões, a China vem reduzindo a dependência ao dólar ao ritmo de um transatlântico, como esperado. Não dá para se desfazer bruscamente, pois derreter a moeda americana culminaria em um tiro no pé. O alvo da troca, contudo, parece claro: moedas de países asiáticos vizinhos.

A China comprou títulos soberanos japoneses com voraci-

dade no primeiro semestre. Foram adquiridos US\$ 20 bilhões, aproximadamente cinco vezes mais do que foi comprado de 2005 a 2009, segundo cálculo do departamento de economia da consultoria GaveKal, sediada em Hong Kong. Só em junho, as aquisições chegam a US\$ 5,3 bilhões. Naquele mesmo mês, segundo dados do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, a quantia de Treasuries mantida pela China caiu fortemente — US\$ 24 bilhões, ficando no patamar de US\$ 843,7 bilhões. Para a equipe da GaveKal, o apetite chi-

Desejando reduzir dependência do dólar, autoridades chinesas compraram quantias elevadas de títulos japoneses no primeiro semestre

nês por iene, cujo peso nas reservas da China se situa na faixa entre 5% e 10%, é um sinal evidente do desejo de fugir do dólar.

“Seja qual for a razão, uma coisa é certa: a China está ativamente buscando reforçar o capital de seus vizinhos. Isso faz sentido do ponto de vista geopolítico e econômico. E, com essa nova tendência pronunciada, não veremos uma mudança tão cedo”, opina a consultoria.

Antes de adivinhar qual o próximo país a ser agraciado com uma valorização na sua moeda, há mais explicações

plausíveis na opção pelo Japão.

Conforme notou a GaveKal, a investida pesada em ienes ganhou musculatura em maio, simultaneamente à iniciativa do governo chinês de permitir uma apreciação do iuane perante uma cesta de moedas. Sob a expectativa de avanço da divisa chinesa ante a moeda americana, haveria um incentivo em valorizar também o iene como forma de assegurar competitividade das exportações da China diante dos produtos japoneses. Até agora, a movimentação do iuane foi simbólica. ■ **C.M.**